

“Brilhante em todos os níveis. Neste livro, Louise Penny está em sua melhor forma.” – *RICHMOND TIMES-DISPATCH*

# LOUISE PENNY

## A LUZ ENTRE AS FRESTAS

— UM CASO DO INSPETOR GAMACHE —  
Série com mais de 18 milhões de livros vendidos



## UM



AUDREY VILLENEUVE SABIA QUE O QUE imaginava não podia estar acontecendo. Ela era uma mulher adulta, capaz de discernir o real do imaginário. Porém, toda manhã, ao atravessar o túnel Ville-Marie para ir de sua casa, no extremo leste de Montreal, ao escritório, ela via. Ouvia. Sentia aquilo acontecendo.

O primeiro sinal era uma explosão de vermelho quando os motoristas pisavam no freio. O caminhão logo à frente dava uma guinada, deslizando e tombando de lado. Um ruído terrível de derrapagem ricocheteava nas paredes duras e corria em sua direção, arrebatador. Buzinas, alarmes, freios, pessoas gritando.

Em seguida, Audrey via os imensos blocos de concreto se desprendendo do teto, levando consigo um emaranhado de veias e tendões de metal. O túnel cuspiendo suas entranhas. Que mantinham a estrutura de pé. Que mantinham a cidade de Montreal de pé.

Até aquele dia.

E então, então... a abertura oval que dava para a luz do dia, o fim do túnel, se fechava. Como um olho.

Depois, a escuridão.

E a longa espera. Para ser esmagada.

Toda manhã e toda noite, quando Audrey atravessava a maravilha da engenharia que ligava uma ponta da cidade à outra, ela colapsava.

– Vai ficar tudo bem – disse ela, rindo consigo mesma, de si mesma. – Vai ficar tudo bem.

Audrey aumentou o volume da música e cantou alto sozinha.





Mas ainda assim suas mãos formigavam no volante, depois ficavam frias e dormentes e seu coração batia forte. Um jorro de neve semiderretida golpeou o para-brisa. Os limpadores a varreram, desenhando uma meia-lua de visibilidade marmoreada.

O tráfego desacelerou. E parou.

Audrey arregalou os olhos. Aquilo nunca tinha acontecido. Atravessar o túnel já era ruim o suficiente. Parar dentro dele parecia inconcebível. Seu cérebro congelou.

– Vai ficar tudo bem.

Mas ela não conseguia ouvir a própria voz, tão fraca era sua respiração e tão forte o uivo em sua cabeça.

Trancou a porta com o cotovelo. Não para manter alguém do lado de fora, mas para se manter lá dentro. Uma frágil tentativa de se impedir de empurrar a porta e correr, correr, sair gritando do túnel. Agarrou o volante. Com força. Com força. Com mais força.

Seus olhos dispararam para a parede salpicada de neve derretida, para o teto, para a parede mais distante.

Para as rachaduras.

Meu Deus, as rachaduras.

E para as débeis tentativas de cobri-las com reboco.

Não de consertá-las, mas de escondê-las.

*Isso não significa que o túnel vá desmoronar*, assegurou a si mesma.

Mas as rachaduras se alargaram e consumiram sua razão. Todos os monstros de sua imaginação se tornaram reais e agora se espremiavam, estendiam os braços, por entre aquelas falhas.

Ela desligou a música para se concentrar, hipervigilante. O carro da frente avançou devagar. Depois parou.

– Vai, vai, vai – implorou ela.

Mas Audrey Villeneuve estava presa e apavorada. Sem ter para onde ir. O túnel já era ruim, mas o que esperava por ela à luz cinzenta de dezembro era ainda pior.

Por dias, semanas, meses (anos até, se fosse sincera), ela soubera. Monstros existiam. Eles viviam nas rachaduras dos túneis, nas vielas escuras e em casas geminadas. Tinham nomes como Frankenstein e Drácula, Martha, David e Pierre. E quase sempre você os encontrava onde menos esperava.





Ela olhou de soslaio para o espelho retrovisor e encontrou dois olhos castanhos assustados. Porém, no reflexo, também viu sua salvação. Sua bala de prata. Sua estaca de madeira.

Era um lindo vestido de festa.

Ela passara horas costurando a roupa, tempo que poderia, deveria, ter usado para embrulhar presentes de Natal para o marido e as filhas; que poderia, deveria, ter usado para assar biscoitos amanteigados em formato de estrela, anjos e alegres bonecos de neve com botões de confeitos e olhos de jujuba.

Em vez disso, toda noite, quando chegava em casa, Audrey ia direto para o porão, até a máquina de costura. Debruçada sobre o tecido verde-esmeralda, ela alinhavava naquele vestido de festa todas as suas esperanças.

Audrey o usaria naquela noite, entraria na festa de Natal, olharia todo o salão e sentiria os olhos surpresos sobre si. Em seu vestido verde colante, a desmazelada Audrey Villeneuve seria o centro das atenções. No entanto, ele fora feito para chamar a atenção não de todos, mas de apenas um homem. E, quando ela conseguisse, poderia relaxar.

Ela passaria seu fardo adiante e seguiria com a vida. As falhas seriam consertadas; as fissuras, fechadas. Os monstros voltariam para o lugar deles.

A saída para a ponte Champlain estava à vista. Não era a que ela normalmente tomava, mas aquele dia estava longe de ser normal.

Audrey deu seta e viu o homem do carro ao lado lhe lançar um olhar azedo. Aonde ela pensava que estava indo? Todos eles estavam presos. Mas Audrey Villeneuve estava ainda mais. O homem mostrou o dedo médio, mas ela não se ofendeu. No Quebec, aquilo era tão casual quanto um aceno amistoso. Se os quebequenses projetassem um carro, o enfeite do capô seria um dedo médio. Normalmente, ela lhe devolveria o “aceno amistoso”, mas tinha outras coisas na cabeça.

Ela embicou para a última faixa da direita, em direção à saída da ponte. A parede do túnel estava a poucos metros de distância. Ela poderia ter enfiado o punho em um dos buracos.

– Vai ficar tudo bem.

Audrey Villeneuve sabia que muitas coisas poderiam acontecer, mas “ficar tudo bem” provavelmente não era uma delas.





## DOIS



– VAI ARRANJAR UMA PATA PRA VOCÊ, PORRA! – disse Ruth, e puxou Rosa para mais perto de si.

Um edredom ambulante.

Constance Pineault sorriu e olhou para a frente. Quatro dias antes, nunca lhe teria ocorrido arranjar uma pata, mas agora ela realmente invejava a Rosa de Ruth. E não só pelo calor que oferecia naquele dia gelado e cortante de dezembro.

Quatro dias antes, nunca lhe teria ocorrido deixar sua confortável poltrona perto da lareira do bistrô para se sentar em um banco congelado ao lado de uma mulher que ou estava bêbada ou demente. Mas lá estava ela.

Quatro dias antes, Constance Pineault não sabia que o calor assumia muitas formas. Assim como a sanidade. Agora, ela sabia.

– Deee-fesaaaaaa! – gritou Ruth para os jovens jogadores no lago congelado. – Pelo amor de Deus, Aimée Patterson, até a Rosa faria esse gol.

Aimée passou patinando, e Constance a ouviu dizer algo que poderia ser “fazer”. “Bater”. Ou “Vai se...”.

– Eles me adoram – disse Ruth a Constance.

Ou a Rosa. Ou ao ar.

– Eles têm medo de você – retrucou Constance.

Ruth lançou a ela um olhar penetrante e avaliador.

– Você ainda está aqui? Pensei que tivesse morrido.

Constance riu, uma baforada de humor que flutuou pela praça do vilarejo e foi se juntar à fumaça de lenha que saía das chaminés.

Quatro dias antes, ela pensara que tinha dado sua última risada. Porém,





com a neve até os tornozelos e a bunda congelada ao lado de Ruth, ela descobrira outras. Escondidas ali em Three Pines. Onde as risadas viviam.

As duas assistiam à atividade da praça em silêncio, exceto pelo estranho grasnar, que Constance torcia para que viesse da pata.

Embora fossem quase da mesma idade, as duas idosas eram opostas. Se Constance era suave, Ruth era dura. Se os cabelos da primeira eram sedosos e longos, presos em um coque bem-feito, os da segunda eram ásperos e bem curtinhos. Se Constance era arredondada, Ruth era angulosa. Toda feita de pontas e arestas afiadas.

Rosa se remexeu e bateu as asas. Então deslizou do colo de Ruth para o banco nevado e deu alguns passos desengonçados na direção de Constance. Depois subiu no colo dela e se acomodou ali.

Ruth estreitou os olhos. Mas não se mexeu.

Desde que Constance chegara a Three Pines, nevara dia e noite. Tendo passado a vida adulta em Montreal, ela havia esquecido como a neve podia ser bonita. Neve, na experiência dela, era algo a ser removido. Uma tarefa doméstica que caía do céu.

Mas aquela era a neve de sua infância. Alegre, divertida, brilhante e limpa. Quanto mais, melhor. Era um brinquedo.

Ela cobria as casas de pedras, de ripas e de tijolinhos rosados que circundavam a praça. Cobria o bistrô e a livraria, a *boulangerie* e a mercearia. Para Constance, aquele parecia o trabalho de um alquimista, e Three Pines era o resultado, conjurado a partir do nada e depositado naquele vale. Ou talvez, assim como a neve, o minúsculo vilarejo tivesse caído do céu, para oferecer um pouso suave àqueles que também sofressem uma queda.

Quando chegara ali e estacionara em frente à livraria de Myrna, Constance ficara preocupada ao ver que a pancada de neve estava se tornando uma nevasca.

“Será que devo tirar o meu carro?”, perguntara a Myrna antes de elas subirem para dormir.

Ela se postara diante da janela de sua livraria (Livros da Myrna, Novos e Usados) e refletira sobre a pergunta.

“Acho que ele está bem ali.”

Ele está bem ali.

E estava mesmo. Constance tivera uma noite agitada, tentando ouvir as





sirenes dos limpa-neves. O aviso para desenterrar seu carro dali e movê-lo. As janelas de seu quarto haviam chacoalhado enquanto o vento as chicoteava com a neve. Ela ouvira a nevasca atravessar as árvores e passar pelas casas sólidas uivando, como se fosse uma criatura viva, à caça. Por fim, caíra no sono, quentinha debaixo do edredom. Quando acordou, a tempestade já tinha passado. Constance foi até a janela, esperando ver seu carro soterrado, nada mais que uma montanha branca debaixo de 30 centímetros de neve fresca. Em vez disso, a rua tinha sido limpa e os carros, desenterrados.

Ele estava bem ali.

Então, finalmente, ela também estava.

Por quatro dias e quatro noites a neve continuou a cair, antes que Billy Williams voltasse com seu limpa-neve. E, até que aquilo acontecesse, o vilarejo de Three Pines ficou completamente isolado pela neve. Mas não importava, já que tudo de que precisavam estava bem ali.

Devagar, do alto de seus 77 anos, Constance Pineault percebeu que estava bem, não porque tivesse um bistrô, mas porque tinha o bistrô de Olivier e Gabri. Aquela não era apenas uma livraria, mas a livraria de Myrna, e a *boulangerie* de Sarah e a mercearia de monsieur Béliveau.

Quando chegara ali, ela era uma mulher autossuficiente. Agora, estava coberta de neve, sentada em um banco ao lado de uma maluca, com uma pata no colo.

Quem era a doida agora?

Mas Constance sabia que, longe de estar desequilibrada, havia, finalmente, recuperado o juízo.

– Eu vim perguntar se você está a fim de tomar alguma coisa – disse ela.

– Pelo amor de Deus, ô velha, por que não falou logo? – retrucou Ruth, levantando-se e batendo os flocos de neve do casaco.

Constance também se levantou e devolveu Rosa a Ruth.

– Tome sua pata – disse ela.

Ruth riu soltando o ar pelo nariz, aceitando a pata e as palavras.

Olivier e Gabri, que vinham da pousada, as encontraram na rua.

– Está nevando gay – comentou Ruth.

– Sim, eu era puro como a neve – confidenciou Gabri a Constance. – Só que eu derreti.





– Incorporando Mae West? – disse Ruth. – Ethel Merman não vai ficar com ciúme?

– Tem espaço de sobra para todas – declarou Olivier, olhando para o corpulento parceiro.

Antes disso, Constance nunca se enturmara com homossexuais, pelo menos não que tivesse conhecimento. Tudo o que sabia é que eram “eles”, não “nós”. E “eles” eram antinaturais. Em seus momentos mais caridosos, os considerava defeituosos. Doentes.

Mas, em geral, se chegava a pensar neles, era com reprovação. Nojo, até.

Até quatro dias antes. Até a noite começar a cair e o pequeno vilarejo no vale ficar isolado. Até ela descobrir que aquele Olivier, o homem com quem tinha sido tão fria, havia desenterrado o carro dela da neve. Sem que ninguém tivesse pedido. Sem fazer nenhum comentário.

Até ela ver, da janela de seu quarto no loft de Myrna, acima da livraria, Gabri caminhar penosamente, a cabeça baixa para evitar a neve soprada pelo vento, levando café e croissants quentinhos para os moradores que não conseguiam ir até o bistrô para tomar café da manhã.

Ela o vira entregar a comida e depois retirar, com uma pá, a neve da varanda, da escada e da calçada.

E ir embora. Para a casa seguinte.

Constance sentiu a mão forte de Olivier em seu braço, apoiando-a. Se um estranho chegasse ao vilarejo naquela hora, o que pensaria? Que Gabri e Olivier eram seus filhos?

Tomara.

Constance passou pela porta e sentiu o cheiro agora familiar do bistrô. As vigas de madeira escura e o piso de tábuas largas de pinho tinham sido impregnados por mais de um século de café forte e lenha de bordo queimada nas lareiras.

– Aqui!

Constance seguiu a voz. As janelas maineladas deixavam a pouca luz entrar, mas ainda estava escuro. Ela olhou para as imensas lareiras de pedra dos dois lados do bistrô, acesas com um fogo vivo e cercadas por sofás e poltronas confortáveis. No meio do salão, entre as lareiras e a área dos clientes, havia antigas mesas de pinho com talheres e porcelana descombinada. Uma imensa e basta árvore de Natal estava disposta em um canto, com suas luzes





vermelhas, azuis e verdes acesas, além de uma caótica variedade de bolas, contas e pingentes imitando gelo pendendo dos galhos.

Alguns clientes bebericavam *café au lait* ou chocolate quente nas poltronas, lendo jornais do dia anterior em francês e inglês.

O grito de “Aqui!” viera do outro lado da sala e, embora Constance ainda não visse direito a mulher, sabia perfeitamente bem quem havia falado.

– Eu pedi um chá para você – disse Myrna, de pé, esperando perto de uma das lareiras.

– Espero que você esteja falando com ela – disse Ruth, pegando o melhor lugar ao lado do fogo e colocando os pés no descanso.

Constance abraçou Myrna e sentiu a carne macia sob o suéter grosso. Embora Myrna fosse uma mulher pelo menos vinte anos mais nova que ela, tinha o cheiro e o abraço de sua mãe. No começo, levava um susto, como se alguém a tivesse desequilibrado de leve. Mas, depois, passou a ansiar por aqueles abraços.

Constance bebericou o chá, observou as chamas bruxuleantes e ouviu em parte a conversa de Myrna e Ruth sobre a última remessa de livros, atrasada pela neve.

Sentiu que estava caindo no sono naquele calor.

Quatro dias. E ela tinha dois filhos gays, uma mãe negra, uma amiga demente e estava considerando adotar uma pata.

Não era o que esperava daquela visita.

Ela ficou pensativa, hipnotizada pelo fogo. Não sabia se Myrna entendia o motivo de sua vinda. Por que ela entrara em contato após tantos anos. Era vital que Myrna entendesse, mas agora o tempo estava se esgotando.

– A neve está parando – comentou Clara Morrow.

Ela correu as mãos pelos cabelos, tentando domar a juba amassada pelo gorro, mas só piorou a situação.

Constance despertou e percebeu que não tinha visto Clara chegar.

Conhecera Clara em sua primeira noite em Three Pines. Ela e Myrna tinham sido convidadas para jantar e, embora Constance ansiasse por um jantar tranquilo só com a amiga, não sabia como recusar educadamente. Então elas puseram os casacos e botas e caminharam com dificuldade até lá.

Era para ser só as três, o que já seria ruim o suficiente, mas então Ruth Zardo e sua pata chegaram, e a noite que seria ruim tornou-se um completo





fiasco. Rosa grasnou a noite inteira enquanto Ruth bebia, praguejava, insultava e interrompia os outros.

Constance já tinha ouvido falar dela, é claro. Aquela mulher, vencedora do Prêmio do Governador-Geral para Poesia em Língua Inglesa, era o mais perto que o Canadá havia chegado de laurear uma poeta demente e amargurada.

*Quem te machucou uma vez  
de maneira tão irreparável,  
que te fez saudar cada oportunidade  
com uma careta?*

À medida que a noite se arrastava, Constance percebeu que aquela era uma boa pergunta. Ficou tentada a fazê-la à poeta louca, mas não fez por medo de recebê-la de volta.

Clara tinha preparado omeletes com queijo de cabra derretido. Uma salada verde e baguetes frescas e quentinhas completavam a refeição. Elas comeram na ampla cozinha e, ao fim do jantar, enquanto Myrna preparava o café e Ruth e Rosa se retiravam para a sala de estar, Clara a levou até seu estúdio. O lugar estava abarrotado de pincéis, paletas e telas. Cheirava a tinta a óleo, terebintina e bananas maduras.

– Peter teria me enchido o saco para limpar isto aqui – disse Clara, observando a bagunça.

Clara havia falado sobre a separação durante o jantar. Constance tinha colocado um sorriso empático no rosto e se perguntara se era possível fugir dali pela janela do banheiro. Com certeza morrer em um banco de neve não seria tão ruim.

E agora lá estava Clara falando de novo sobre o marido. Ex-marido. Era como desfilas só de calcinha. Revelar suas intimidades. Era feio, inadequado e desnecessário. E Constance só queria ir para casa.

Da sala de estar, ela ouvia os grasnados incessantes. Constance não sabia, e já não se importava mais, se eles vinham da pata ou da poeta.

Clara passou por um cavalete. O contorno fantasmagórico de algo que poderia vir a ser um homem se insinuava na tela. Sem muito entusiasmo, Constance seguiu Clara até o outro lado do estúdio. Ela acendeu um abajur, e uma pequena pintura foi iluminada.





No início, pareceu desinteressante, com certeza desimportante.

– Eu queria te pintar, se você não se importar – disse Clara, sem olhar para a convidada.

Constance se encrespou. Será que Clara a reconhecera? Será que sabia quem ela era?

– Acho melhor não – respondeu com firmeza.

– Entendo – disse Clara. – Eu também não tenho certeza se gostaria de ser pintada.

– Por que não?

– Medo do que poderiam ver.

Clara sorriu, depois voltou para a porta. Constance a seguiu depois de dar uma última olhada na minúscula pintura. Era de Ruth Zardo, que, agora, roncava no sofá. Naquela pintura, a velha poeta segurava um xale azul na altura do pescoço, as mãos magras e em forma de garras. As veias e os tendões do pescoço apareciam através da pele translúcida.

Clara havia captado a amargura de Ruth, sua solidão e sua raiva. Agora Constance achava quase impossível desviar os olhos do retrato.

Na porta do estúdio, ela se voltou para trás. Seus olhos já não eram tão bons, mas não precisavam ser para ver o que Clara havia captado. Era Ruth. Mas também outra pessoa. Uma imagem que uma infância passada de joelhos lhe evocava.

Era a velha poeta louca, mas também a Virgem Maria. A mãe de Deus. Esquecida, ressentida. Deixada para trás. Olhando com raiva para um mundo que já não se lembrava do que ela lhe dera.

Constance ficou aliviada por ter recusado o pedido de Clara para pintá-la. Se era assim que Clara via a mãe de Deus, o que não veria nela?

Mais tarde naquela noite, Constance vagou, aparentemente sem rumo, de volta até a porta do estúdio.

O único ponto de luz ainda brilhava no retrato, e mesmo da porta Constance conseguia ver que a anfitriã não havia simplesmente pintado a Ruth louca. Nem a esquecida e amargurada Maria. A mulher idosa olhava ao longe. Para um futuro escuro e solitário. Porém. Porém. Bem ali. Quase fora de alcance. Quase visível. Havia outra coisa.

Clara havia captado o desespero, mas também a esperança.

Constance pegou o café e se juntou de novo a Ruth e Rosa, Clara e Myrna.





Ela as ouviu, então. E começou, só começou, a entender como seria se fosse capaz de associar mais de um nome a um rosto.

Isso fora quatro dias antes.

Agora, ela havia feito as malas e estava prestes a ir embora. Só uma última xícara de chá no bistrô, e pé na estrada.

– Não vá – pediu Myrna baixinho.

– Eu tenho que ir.

Constance desviou o olhar. Aquilo tudo era intimidade demais. Pela janela congelada ela observou o vilarejo coberto de neve. Anoitecia, e luzinhas de Natal pipocavam nas árvores e casas.

– Eu posso voltar? Para o Natal?

Fez-se um longo silêncio. E todos os medos de Constance voltaram, rastejando para fora daquele silêncio. Ela baixou os olhos para as mãos, cuidadosamente dobradas no colo.

Ela tinha se exposto. Fora iludida a pensar que estava em segurança, que era querida, que era bem-vinda.

Então sentiu uma mão grande na sua e ergueu o olhar.

– Eu adoraria – disse Myrna, e sorriu. – A gente vai se divertir muito.

– Divertir? – perguntou Gabri, atirando-se no sofá.

– Constance vai voltar para o Natal.

– Maravilha. Você pode vir para a missa com o coro do dia 24. A gente canta todas as favoritas: “Silent Night”. “The First Noël”...

– “The Twelve Gays of Christmas” – zombou Clara, emendando o nome da música.

– “It Came Upon a Midnight Queer” – debochou Myrna.

– Enfim, as clássicas – disse Gabri. – Embora este ano a gente esteja ensaiando uma nova.

– Não “O Holy Night”, eu espero – comentou Constance. – Não sei se estou pronta para esta.

Gabri riu.

– Não. “The Huron Carol”, um clássico canadense. Você conhece?

Ele cantou alguns compassos da antiga canção de Natal quebequense.

– Eu adoro esta – disse ela. – Só que ninguém mais canta.

No entanto, não deveria surpreendê-la que, naquele vilarejo, ela encontrasse mais uma coisa praticamente extinta do mundo exterior.





Constance se despediu e, entre gritos de “À bientôt!”, ela e Myrna caminharam até o carro dela.

Constance deu a partida para aquecer o automóvel. As crianças saíam do rink de hóquei, cambaleando na neve com seus patins, usando os tacos para se equilibrar. Estava escurecendo. Era agora ou nunca, Constance sabia.

– A gente fazia muito isso – disse ela, e Myrna seguiu seu olhar.

– Jogar hóquei?

Constance assentiu.

– A gente tinha o nosso próprio time. Nosso pai era o técnico. Mamãe torcia. Era o esporte preferido do irmão André.

Ela encontrou os olhos de Myrna. *Pronto*, pensou. *Feito*. Seu segredinho sujo finalmente revelado. Quando ela voltasse, Myrna teria muitas perguntas. E finalmente, finalmente, Constance sabia que iria respondê-las.

Myrna observou a amiga ir embora e não pensou mais naquela conversa.





## CONHEÇA OS LIVROS DE LOUISE PENNY

Estado de terror (com Hillary Clinton)

SÉRIE INSPETOR GAMACHE

Natureza-morta

Graça fatal

O mais cruel dos meses

É proibido matar

Revelação brutal

Enterre seus mortos

Um truque de luz

O belo mistério

A luz entre as frestas

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,  
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos  
e poderá participar de promoções e sorteios.

[editoraarqueiro.com.br](http://editoraarqueiro.com.br)

